



THOMAS BERNHARD

O PRESIDENTE

TRADUÇÃO

GISELE EBERSPÄCHER

PAULO ROGÉRIO PACHECO JUNIOR

SUPERVISÃO DA TRADUÇÃO

RUTH BOHUNOVSKY

Coleção
Dramas & Poéticas

Editora
UFPR

0 PRESIDENTE



Reitor

Ricardo Marcelo Fonseca

Vice-Reitora

Graciela Inês Bolzón de Muniz

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

Leandro Franklin Gorsdorf

Diretor da Editora UFPR

Rodrigo Tadeu Gonçalves

Vice-Diretor da Editora UFPR

Alexandre Nodari

Conselho Editorial que Aprovou este Livro

Allan Valenza da Silveira

Alzir Felipe Buffara Antunes

Angela Couto Machado Fonseca

Claudio José Barros de Carvalho

Eleusis Ronconi de Nazareno

Emerson Joucoski

Fabio Meurer

Fabricio Schwanz da Silva

José Carlos Cifuentes

Kádima Nayara Teixeira

Marcos Alexandre dos Santos Ferraz

Sibilla Batista da Luz França

THOMAS BERNHARD

O PRESIDENTE

TRADUÇÃO

GISELE EBERSPÄCHER

PAULO ROGÉRIO PACHECO JUNIOR

SUPERVISÃO DA TRADUÇÃO

RUTH BOHUNOVSKY

Coleção
Dramas & Poéticas

Editora
UFPR

© Suhrkamp Verlag Frankfurt am Main 1975.
Todos os direitos reservados e sob o controle de Suhrkamp Verlag Berlin.
Título original: “Der Präsident”

O PRESIDENTE

Coordenação editorial

Rachel Cristina Pavim

Revisão

Alan Santiago Norões Queiroz

Revisão final

Tradutores

Projeto gráfico, capa e editoração eletrônica

Rachel Cristina Pavim

Imagem da capa

Roberto Barroso / CC BY 3.0 BR

(<https://creativecommons.org/licenses/by/3.0/br/deed.en>)

Coleção Dramas & Poéticas, v. 2

Universidade Federal do Paraná. Sistema de Bibliotecas.
Biblioteca Central. Coordenação de Processos Técnicos.

B527p Bernhard, Thomas, 1931-1989

O presidente / Thomas Bernhard; tradução: Gisele Eberspächer,
Paulo Rogério Pacheco Junior; supervisão da tradução: Ruth
Bohunovsky. Curitiba: Ed. UFPR, 2020.

195 p.; 20 cm. — (Coleções Dramas & Poéticas; v. 2)

Tradução de: Der Präsident.

Inclui bibliografias.

ISBN 978-65-87448-11-4

1. Literatura austríaca. 2. Teatro austríaco. I. Eberspächer,
Gisele Jordana, 1990-. II. Pacheco Junior, Paulo Rogério, 1994-.
III. Título. IV. Série.

CDD: 832.91

CDU: 830-2

Bibliotecário: Arthur Leitis Junior - CRB 9/1548

ISBN 978-65-87448-11-4

Ref. 961

Direitos desta edição reservados à

Editora UFPR

Rua Ubaldino do Amaral, 321

80060-195 – Curitiba – Paraná – Brasil

www.editora.ufpr.br

editora@ufpr.br

2020



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

COLEÇÃO DRAMAS & POÉTICAS

A Editora UFPR deseja aproximar do leitor brasileiro um repertório nacional e estrangeiro constituído tanto de textos teatrais quanto de escritas “poéticas”, que têm como traço comum o fato de proporem uma problematização da criação poética e da expressão literária. Trata-se de oferecer um conjunto de reflexões e pensamentos que põem em discussão, desde a Antiguidade até a atualidade, a arte da composição narrativa pela palavra, a escrita criativa, seja ela dramática ou romanesca, em prosa ou em verso.

A Coleção Dramas & Poéticas prioriza textos estrangeiros e brasileiros inéditos ou de pouca ou nenhuma circulação entre nós. Cada edição, à guisa de comentários, é acompanhada de prefácio e posfácio alusivos ao trabalho do autor e ao pensamento tradutológico que norteou a publicação, com o objetivo de colocar a obra ao alcance tanto de universitários e acadêmicos quanto do público leitor em geral.

Coleção Dramas & Poéticas

Conselho Consultivo

Alexandre Flory (UEM)

Allan Valenza da Silveira (UFPR)

Caetano Galindo (UFPR)

Clóvis Dias Massa (UFRGS)

Ligia Cortez (Escola Superior de Artes Célia Helena)

Marcelo Bourscheid (UNESPAR)

Marcelo Paiva de Souza (UFPR)

Marta Isaacsson de Souza e Silva (UFRGS)

Rodrigo Tadeu Gonçalves (UFPR)

Samir Yazbek (Escola Superior de Artes Célia Helena)

Sandra Mara Stroparo (UFPR)

Stephan Arnulf Baumgärtel (UDESC)

Sylvie Chalaye (Paris III/Sorbonne Nouvelle)

Viviane da Costa Pereira (UFPR)

Yannick Butel (Université Aix-Marseille)

Coordenação

Walter Lima Torres Neto (UFPR)

NOTA DOS TRADUTORES

Ao escolher *O presidente* como a primeira peça de Thomas Bernhard a ser publicada na coleção Dramas & Poéticas da Editora UFPR, pensamos, em primeiro lugar, no potencial político e dramático que este livro parece ter no cenário brasileiro — acreditamos que ele tem muito a dizer ao leitor e espectador no Brasil de hoje. Mas, como acontece com todas as obras literárias e dramáticas, há inúmeras possibilidades de se ler um texto e levá-lo ao palco. Por isso, não queríamos apagar o contexto em que foi escrito e ao qual se refere sua versão primária, mas sim apresentar uma tradução que mantenha presente diversas possibilidades de leitura, encenação e interpretação. Na nossa tradução, procuramos, portanto, oferecer ao leitor uma aproximação com o original e seu contexto, resguardando referências austríacas.

Dada a especificidade do gênero e tendo em vista um texto que não sirva apenas para a leitura silenciosa, mas que também possibilite uma montagem no palco, conservamos a oralidade, de modo a criar, em português, um efeito similar ao do texto em alemão. Assim como no original, as falas da Primeira-Dama, por exemplo, são permeadas de construções cotidianas, distantes da gramática normativa; além disso, optamos pela ausência de pronomes oblíquos e marcamos o distanciamento entre a Primeira-Dama e Frau Frölich usando o pronome de tratamento “a senhora”.

Ademais, mantivemos o nome original de *Frau Frölich* com o horizonte de preservar a sonoridade que o título e o nome apresentam, conservando vivo um referencial de língua alemã. Algumas sugestões

para montagens que pretendam deixar tal nome mais perto de nossa realidade seriam *Dona Alegrete* ou *Dona Felícia*, ambas com o significado próximo de *Frölich* (corruptela de *fröhlich*, “alegre” ou “feliz”).

Outra escolha se deu com o termo *Präsidentin*, palavra pouco frequente na língua alemã, mas utilizada por Bernhard para se referir à Primeira-Dama. Considerando os significados políticos recentes que presidenta (uma alternativa mais próxima do termo) teria para os brasileiros — pensando tanto nas polêmicas causadas pela escolha da então presidenta Dilma Rousseff de usar esse termo em lugar de “presidente” quanto a associação imediata que fazemos entre essa palavra e a pessoa que ocupa o cargo de presidente, não remetendo assim à imagem de primeira-dama — e percebendo que esses significados não têm relação próxima com a crítica feita pelo autor, optamos por empregar o termo primeira-dama.

A linguagem de Bernhard recorre frequentemente a marcas austríacas do alemão. Por isso, nos permitimos traços de um português curitibano — como a frequente mistura entre o pronome *você* com formas como *te* e *teu*. Preferimos também manter as referências austríacas no texto para que o leitor possa entrar em contato com o contexto pensado pelo escritor — por vezes distante e até de difícil compreensão. Inserimos notas de rodapé que possam auxiliar na leitura desses trechos.

Gostaríamos também de agradecer à leitura crítica de Angélica Neri, Hugo Simões, Luiz Abdala Jr., Cristiane Gonçalves Bachmann e à leitura dramática dos atores Val Salles, Janaína Fukushima, Angela Stadler, Thiago Dominoni e Vinicius Medeiros.

SUMÁRIO

PREFÁCIO / 11

O PRESIDENTE / 19

POSFÁCIO / 181

PREFÁCIO

O presidente, de Thomas Bernhard: política, perturbação e o riso fora do lugar

Ruth Bohunovsky

“Agressivo”, “espetacular” e “performático”, “uma voz literária incontornável, de um pessimismo transcendente e transnacional” e, ao mesmo tempo, “o mais odiado e mais amado artista austríaco de seu tempo” — esses são alguns dos atributos dos quais lança mão Cristovão Tezza (2014) ao falar sobre o escritor e dramaturgo austríaco Thomas Bernhard (1931-1989). Durante a vida, Bernhard foi o *enfant terrible* da sociedade austríaca, odiado tanto pelos defensores da ordem política estabelecida, baseada no recalque e no silêncio sobre os crimes da época nazista, quanto pelos representantes da “boa literatura”, com viés edificante e embelezador. Hoje, o autor é um clássico não apenas da literatura austríaca, mas em nível mundial. Seus textos são lidos mundo afora, influenciam outros escritores e fornecem o modelo para literaturas em outras línguas (por exemplo, o salvadorenho Horacio Castellanos Moya intitulou um dos seus romances mais famosos de *Asco: Thomas Bernhard em San Salvador*). “Quanto mais tempo está morto, maior o poder de sua literatura”, escreveu um crítico literário por ocasião do 75º aniversário de Bernhard (WEINZIERL, 2006).

Bernhard nos deixou alguns poemas, grandes livros de prosa (nove romances e várias narrativas mais curtas) e 18 peças teatrais. É atualmente um dos dramaturgos de língua alemã mais presentes em palcos internacionais — não apenas com suas peças, mas também com as frequentes versões dramáticas de seus romances. A frequência de

adaptações da prosa bernhardiana para o palco é uma prova da força performática de toda a obra dele. No Brasil, por exemplo, foi Marcos Damaceno quem criou uma versão teatral do romance *Árvores abatidas*, conseguindo inclusive reativar no contexto curitibano em que ambientou sua montagem o efeito provocativo e perturbador que o livro causou na Áustria nos anos 1980, quando a venda foi proibida pela Justiça após um processo judicial por calúnia movido por algumas pessoas que se viam retratadas na obra. Essa repercussão já fora prevista pelo próprio Bernhard e anunciada no subtítulo: *Eine Erregung* — “uma provocação”, na tradução brasileira de Lya Luft.

No Brasil, foram publicados vários de seus livros em prosa (*Árvores abatidas*, *O sobrinho de Wittgenstein*, *O naufrago*, *Perturbação*, *Extinção*, *O imitador de vozes*, *Meus prêmios*) e os cinco escritos autobiográficos, reunidos num único volume intitulado *Origem*. Além disso, algumas das peças dramáticas de Bernhard já foram levadas aos palcos brasileiros. Até agora, apenas duas delas, *O fazedor de teatro* [Der Theatermacher] e *Praça dos heróis* [Heldenplatz], foram publicadas no país, em 2017 e 2020 respectivamente. Com *O presidente* acrescentamos mais um título — na esperança de, em breve, poder aumentar ainda mais o número de dramaturgias bernhardianas publicadas por aqui.

VIDA E OBRA COMO PERTURBAÇÃO

O termo-chave para o leitor se aproximar da obra de Bernhard e para entender sua literatura é perturbação — este é justamente o título de um dos seus grandes romances, *Perturbação* [Verstörung]. Podemos compreender esse termo no âmbito da obra bernhardiana tanto no sentido da perturbação existencial expressa através da escrita quanto como sendo o efeito que essa literatura provocou — e continua provocando — nos leitores e espectadores. Nas palavras do próprio Bernhard (2006, p. 241):

Minha existência sempre perturbou, o tempo todo. Sempre perturbei e sempre irritei as pessoas. Tudo que escrevo, tudo que faço é perturbação e irritação. Minha vida inteira, toda a minha existência

nada mais é do que perturbação e irritação ininterruptas. Porque chamo a atenção para fatos perturbadores e irritantes. Existem aqueles que deixam os outros em paz e aqueles que perturbam e irritam, categoria à qual pertencço.

Em sua literatura, tanto a temática quanto as afirmações e provocações políticas perturbam o leitor, além da própria forma literária, sobretudo em seus romances, marcados por frases aparentemente intermináveis e intercaladas, que desafiam a expectativa de uma leitura “bem escrita”.

Os grandes temas de Bernhard são a morte, a doença, a loucura e a solidão. Desde a adolescência, ele sofreu de diversas doenças graves e, algumas vezes, teve que enfrentar a morte — e o precário sistema de saúde austríaco do pós-guerra. Viu o avô morrer devido a um erro médico e a mãe falecer com apenas 46 anos depois de passar por grandes sofrimentos causados por um câncer. Essas experiências certamente lhe influenciaram a escrita, distinguida por um olhar impiedoso, pessimista e, ao mesmo tempo, irônico em relação à vida. Uma de suas frases mais famosas é: “Tudo é ridículo quando se pensa na morte!”. O riso que surge desse olhar é, porém, um riso que incomoda, pois Bernhard se recusa a tratar de forma trágica aquilo que estamos acostumados a tratar de forma trágica. Nas palavras de Bernardo Carvalho (1999): “O texto de Bernhard desrealiza, pelo humor, a realidade dos acontecimentos mais deprimentes e doentios, fazendo o riso despontar incontrolável, fora do lugar, como reação às descrições mais tenebrosas”.

Bernhard conseguiu também, como nenhum outro escritor, perturbar e provocar os contemporâneos em entrevistas e comentários públicos acerca de assuntos da atualidade. Suas opiniões políticas (nunca ligadas a uma determinada visão partidária, mas invariavelmente colocando em questão os alicerces de todo o convívio em sociedade) foram motivo de diversos escândalos midiáticos, políticos e jurídicos, assim como de manifestações populares nas ruas de Viena em protesto contra os insultos à Áustria expressos em sua obra literária (especialmente, por ocasião da estreia do drama *Heldenplatz*,

em que um dos personagens acusa os austríacos de serem todos, sem exceção, ainda nazistas). Através da constante repetição de certas afirmações taxativas e do exagero, conseguiu com maestria ativar as emoções reprimidas dos conterrâneos, geralmente acomodadas abaixo de um sentimento superficial e coletivo mantido pela força da imagem turística que foi construída na Áustria a partir de 1945.

Frequentemente, essa tendência à provocação é explicada através dos dados biográficos do autor, suas doenças, o fato de nunca ter conhecido o pai e a dura realidade da vida durante e após a guerra. Nascido em 1931, era filho ilegítimo de uma mãe solteira e foi criado sobretudo por seus avós, tendo no avô — um escritor sem sucesso, porém dono de um gênio autoritário e misógino — a principal referência. Chamado por Bernhard nos textos literários de “avô materno”, é ele o modelo da estrutura narrativa de toda obra do neto, que imita o padrão de conversação dos dois durante o convívio nos anos de infância e juventude. Enquanto realizavam longos passeios a pé nos bosques da região de Salzburgo, o monopólio da palavra era do mais velho: “nesses passeios, era-me rigorosamente proibido falar, uma proibição raras vezes revogada por meu avô. Sempre e somente quando ele tinha uma pergunta a fazer, ou eu” (BERNHARD, 2006, p. 59). Numa entrevista, confirmou a importância do parente para sua produção literária, dizendo que “tudo isso está depois nos livros, e esses personagens, personagens masculinas, isso é sempre, sempre o meu avô materno” (MITTERMAYER, 2014, p. 14-15). São (quase) solilóquios que caracterizam a estrutura do drama e da prosa bernhardiana, centrados em protagonistas que dominam toda a fala e ao lado dos quais cabe aos outros personagens apenas a função de provedor de deixas. O caráter único e perturbador da linguagem bernhardiana é ressaltado também por Cristovão Tezza (2014):

Sua linguagem é, frase a frase, uma constatação instantânea, repetitiva e permanente de um desastre avassalador e irredimível, uma espécie de profecia circular que se autorrealiza. Ao mesmo tempo, seu texto é irresistível, desafiando os limites do cômico e do trágico.

No conjunto da obra dramática de Thomas Bernhard, podemos identificar dois modelos básicos: peças que têm como protagonistas sujeitos *outsiders*, muitas vezes artistas obstinados, porém sem sucesso (como é o caso em *O fazedor de teatro*), e que têm, geralmente, uma forte tendência cômica; e sátiras sobre a sociedade, cujos protagonistas são representantes da elite política ou econômica. *O presidente* — como o próprio título indica — faz parte desse segundo grupo. Diferentemente do que ocorre em outras obras, nessa peça Bernhard não trata de um assunto diretamente ligado ao seu país, a Áustria (com o qual manteve um vínculo mesclado de amor e ódio), mas se dedica ao tema do poder político e sua questionável legitimação, revelando os representantes desse poder (o Presidente e a Primeira-Dama) em toda sua insignificância e irrelevância, no limite entre o trágico e o cômico.

O drama *O presidente* estreou em Viena em 1975. Ainda no mesmo ano, a peça foi encenada também na Alemanha, na cidade de Stuttgart. O dia marcado para a estreia alemã, 21 de maio, não foi uma escolha aleatória do diretor Claus Peymann: era o primeiro dia do famoso processo judicial contra os membros da Fração do Exército Vermelho (Rote Armee Fraktion), um grupo guerrilheiro alemão de extrema-esquerda engajado na luta armada contra a Alemanha Ocidental, chamada por eles de “Estado fascista”. Responsável por uma série de atentados e operações de guerrilha durante as três décadas de sua existência, o grupo foi responsabilizado por 34 mortos e um grande número de feridos.

Em abril de 1975, quando os cabeças da Fração do Exército Vermelho se encontram presos e aguardando o julgamento na prisão de Stammheim em Stuttgart, seis membros desse grupo invadem a embaixada alemã em Estocolmo, fazendo 11 reféns, entre eles o embaixador alemão. Exigem a libertação dos colegas presos, mas o governo alemão não se mostra disposto à negociação. A ação resulta na morte de dois reféns e de um terrorista. Dias após, começa o julgamento em Stuttgart — no mesmo dia em que estreia *O presidente*.

Embora Bernhard nunca tenha sido um autor politicamente engajado no sentido mais estrito, esta é considerada a sua peça teatral mais política. *O presidente* trata do mundo dos poderosos, dos políticos e seu cinismo em relação ao povo e do abismo social que marca a relação entre o governo e os governados.

Como não poderia ser diferente no caso de Bernhard, a recepção foi ambivalente, já que o autor não apresenta nenhuma proposta moral ou construtiva que se afine com os discursos politicamente aceitáveis da época, como uma defesa dos valores da democracia e do humanismo. Mais uma vez, Bernhard “escreve o que mais ninguém escreve” (MITTERMAYER, 2006, p. 7), expressando sua visão ambivalente em relação à ordem e à anarquia: “uma ordem rígida é mortal, sua anulação leva ‘ao suicídio’” (GAMPER *apud* MITTERMAYER, 2006, p. 116).

Embora a ameaça terrorista da Fração do Exército Vermelho seja algo do passado, o mundo atual continua se confrontando com problemas enraizados no abuso de poder, nos abismos sociais e nas ameaças de violência do e contra o Estado. Assim, ao ler o texto *O presidente*, do austríaco Thomas Bernhard, no Brasil do século XXI, percebemos não uma peça sobre um determinado momento histórico de um país europeu, mas uma obra que parece dialogar diretamente com questões, discursos e problemas do nosso país, se não do nosso planeta. Porém, em vez de se ajustar a linhas argumentativas já estabelecidas ou a propostas políticas concretas, a obra continua — assim como no momento de sua estreia — desafiando o senso comum, fugindo de respostas fáceis, evitando a ilusão de que haja soluções (simples).

A AÇÃO ESTÁTICA E UMA DRAMATURGIA DO SILÊNCIO

Em *O presidente*, a ação é mínima, se não inexistente, e, quando existe, é reduzida a atividades do cotidiano, bastante banais. O Presidente toma banho, recebe uma massagem ou bebe vinho com sua amante; a Primeira-Dama se veste, se maquila (sempre com ajuda de

Frau Frölich) e relata momentos vividos em companhia de seu cachorrinho (morto durante o atentado que antecede os acontecimentos representados na peça) e de seus amantes. Enquanto se ocupam com tais atividades, as figuras falam, ou melhor, algumas dessas figuras falam. Mas essas falas não são dialógicas nos moldes que conhecemos de dramas tradicionais. Embora haja sempre duas ou mais personagens presentes no palco, apenas uma delas tem o monopólio do uso da palavra, expressando raciocínios próprios ou alheios, citando frases anteriormente ditas por outros, repetindo incessantemente termos, frases e expressões fixas baseadas no senso comum. Essa estrutura monológica de toda obra de Bernhard não significa, porém, que estamos diante de monólogos, pois a comunicação sempre ocorre na presença de outras figuras. Nesse sentido, Bernhard não propaga a abolição formal do diálogo (KRAMMER, 2018, p. 448), mas pode ser visto como um “destruidor de diálogos” (SCHMIDT-DENGLER, 2010, p. 169). O modelo é sempre o mesmo, pois aquele que domina a fala a dirige a uma personagem “muda” que, no máximo, enuncia algumas deixas, dando impulso à continuação do falatório do outro. Ainda que seu comportamento seja não verbal, a presença dessas figuras taciturnas não é prescindível: essas “figuras caladas” opõem “à violência da fala aquela da presença sem fala” (KRAMMER, 2018, p. 448). O silêncio das figuras secundárias permite uma presença maior de sua corporeidade, sua mímica, seus gestos e sua proxêmica (a distância física que assumem em relação a outras) — especialmente se pensamos numa encenação teatral. No texto impresso, a presença delas só é perceptível nas suas raras expressões verbais, geralmente de uma ou pouquíssimas palavras, e como destinatários das ordens dadas pelo falante dominante. No palco, sua presença física é constante e, “através de sua conduta não verbal, elas se tornam os verdadeiros agentes da ação” (KRAMMER, 2018, p. 448).

Durante a peça, pouca coisa acontece, a vida parece ser a espera por algo que ninguém sabe o que é. O foco é a própria linguagem; a conversação sem assunto e autocentrada aponta não mais para a possibilidade da interação humana, mas evidencia a solidão

dos personagens no seu próprio solipsismo (KRAMMER, 2018, p. 449). Como muitas outras peças de Bernhard, *O presidente* termina com uma reviravolta mortal que não é, porém, resultado ou efeito lógico dos acontecimentos apresentados anteriormente (como é de se esperar num drama em moldes mais tradicionais), mas que irrompe na banalidade da vida sem causa evidente, reforçando ainda mais a estética bernhardiana, baseada em contrastes, seja entre a fala e o silêncio, o poder e a impotência, o cômico e o trágico ou, por fim, entre a morte e a vida.

REFERÊNCIAS

BERNHARD, T. *Origem*. Tradução: TELLAROLI, S. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 59.

CARVALHO, B. O riso fora do lugar. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 9 out. 1999. Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0910199914.htm>. Acesso em: 3 out. 2018.

KRAMMER, S. Theaterästhetik. In: HUBER, M.; MITTERMAYER, M. (org.). *Bernhard Handbuch: Leben — Werk — Wirkung*. Stuttgart: Metzler, 2018. p. 446-451.

MITTERMAYER, M. O “avô materno” — Johannes Freumbichler na literatura de Bernhard. In: HUBER, M.; MITTERMAYER, M.; KARLHUBER, P. (org.). *Thomas Bernhard e seus seres vitais: fotos — documentos — manuscritos*. Tradução: BOHUNOVSKY, R.; MARTINESCHEN, D. Curitiba: Editora UFPR, 2014. p. 8-65.

SCHMIDT-DENGLER, W. *Der Übertreibungskünstler: Zu Thomas Bernhard*. Viena: Sonderzahl, 2010.

TEZZA, C. Sobre a literatura de Thomas Bernhard. In: KONZETT, M. (org.). *O artista do exagero: a literatura de Thomas Bernhard*. Organização da tradução: BOHUNOVSKY, R. Curitiba: Editora UFPR, 2014.

WEINZIERL, U. Meister der Schmähung — Thomas Bernhard. *Welt*, 9 fev. 2006. Kultur, Literatur. Disponível em: <https://www.welt.de/kultur/article196634/Meister-der-Schmaehung-Thomas-Bernhard.html>. Acesso em: 29 set. 2018.